PEÇA DE ARQUITETURA

Simbolismo da Iniciação ao Grau de Companheiro

Grau de Companheiro Maçom
Nome do Ir∴ Luis Claudio Ulmer Dias

A partir do tema proposto, o qual versa sobre a Simbologia da Iniciação ao Grau de Companheiro, esta peça de arquitetura fará uma abordagem sobre a cerimônia de recepção no Segundo Grau, que demonstrará através do seu simbolismo, a evidência do progresso e do esforço do Candidato a Companheiro, que se encontra apto a enfrentar novos desafios a luz do seu merecimento para receber melhor salário e ainda maiores conhecimentos, após percorridas e vencidas as etapas de aperfeiçoamento e progresso no grau de Aprendiz.

Assim, abordaremos a simbologia das cinco viagens percorridas pelo Candidato a Companheiro na cerimônia de elevação.

As Cinco Viagens

O Candidato a Companheiro, tanto quanto o Aprendiz, que precisou discernir entre o vício e a virtude e, para isso teve que caminhar das trevas em direção à Luz, precisa agora empreender cinco viagens de progresso, para, após, ao final destas viagens, encontrar-se apto a utilizar de forma eficaz as ferramentas postas à sua disposição, provenientes do seu grau.

De outra banda, tal como o Aprendiz Maçom, o Companheiro deve proceder do mundo concreto, ou do domínio da realidade objetiva - o Ocidente-, ao mundo abstrato ou transcendente - o Oriente-, o mundo dos princípios e das causas, atravessando para isso a região obscura da dúvida e do erro, - o Norte -, para voltar pela região iluminada pelos conhecimentos adquiridos - o Sul -. Assim, cada viagem constitui uma nova e diferente etapa de progresso e de realização.

Nas cinco viagens que o Candidato a Companheiro terá que fazer para atingir a plenitude dos conhecimentos do seu grau, importa salientar, que nas primeiras quatro viagens, especialmente aquelas de número par (2 e 4) o iniciado carrega junto a si, instrumentos passivos (régua, compasso e esquadro), enquanto nas de número ímpar (1 e 3), o iniciado carrega junto a si, instrumentos ativos (malho, cinzel e alavanca).

No Grau de Aprendiz Maçom, a pergunta respondida é “De onde viemos ?“. Todavia no Grau de Companheiro temos o dever de saber o que somos, pois essa compreensão significa despertar o nosso Deus Interior, que vibra no íntimo do Candidato, por meio da elevação que futuramente o fará digno da exaltação, para melhor servir na Construção do Grande Templo.

A Primeira Viagem

Na primeira viagem, que é a primeira etapa do adiantamento ou progresso, o Candidato a Companheiro leva junto a si os instrumentos com os quais iniciou seus trabalhos na senda maçônica: o malho e o cinzel, sem os quais não poderia trabalhar na pedra bruta. Sendo instrumentos complementares, o malho e o cinzel só funcionam em conjunto. Representam, o primeiro: a vontade, a razão e a equidade, o bem julgar e o bem decidir; o segundo: o livre arbítrio, a educação e a influência do intelecto. São usados para desbastar a Pedra Bruta, a qual fará parte do alicerce da futura construção.

Assim, sem a vontade, representada pelo primeiro instrumento, não poderia exercer o livre arbítrio, caracterizado pelo segundo. A vontade tornou-se livre das asperezas de sua personalidade profana, transmutando-se na pedra polida da inteligência superior.

Nessa primeira viagem, o Aprendiz, que inicia sua jornada ao grau de Companheiro, aprende a usar a sua vontade e sua determinação inteligente, eliminando dela, como da pedra bruta, toda a aspereza e as partes supérfluas.

Esta viagem nos alerta para os cinco sentidos que são nossas janelas para o mundo físico e nos permitem vivenciá-lo, através de uma energia fundamental que, por trás de toda a matéria, faz vibrar numa determinada frequência.

Assim, com a visão, temos a percepção do volume e da cor dos objetos, sendo que as vibrações sensibilizam nossos olhos, que transmitem, de maneira própria, as informações ao cérebro para a devida codificação; os ouvidos, que são os órgãos capazes de perceber sons produzidos pelas vibrações; o olfato, que utiliza o nariz para levar ao cérebro as informações dos odores; o paladar, que é o sentido através do qual distinguimos o gosto das coisas; e, por fim, o tato, que junto com a visão, é o principal sentido físico, apresentando-se como responsável pela nossa sensibilidade imediata.

Em síntese, na primeira viagem o Companheiro Maçom aprende que, com o uso combinado das duas ferramentas, ou seja, com o uso harmónico da vontade impulsiva e da determinação inteligente, aplicadas no carácter, ou seja, na pedra bruta da personalidade profana, obterá uma pedra lavrada, apta a ser integrada na alvenaria do seu templo interno. Pelo que a capacidade do uso harmónico, refletido e discernido, faz com que estas duas faculdades gémeas, conduzam o Companheiro maçom ao Poder da sua vontade.

A Segunda Viagem

Na segunda viagem a régua e o compasso substituem o maço e o cinzel. A Segunda viagem é dedicada às cinco ordens da arquitetura. Juntos, a régua e o compasso representam a Harmonia e o Equilíbrio. Esta viagem nos mostra o valor da Arquitetura, ensinando-nos as cinco ordens básicas. Cada ordem é representada por uma coluna que irá decorar cada um dos cinco degraus que o Companheiro deverá subir: Dórica, Jônica, Coríntia, Toscana e Compósita. Cada coluna representa também um tema de estudo do Companheiro: Inteligência, Retidão, Valor, Prudência e Filantropia.

A régua simboliza o método, a lei e a retidão de caráter. O compasso representa o infinito, pelos infinitos círculos que pode traçar. É o relativo e o absoluto coexistindo em um único símbolo. A régua traça o caminho digno, reto, na direção da perfeição.

Neste segundo grau aprendemos a arte de traçar linhas sobre os materiais desbastados e aplainados, o que só se consegue com tais instrumentos, cumprindo assim os objetivos maçônicos da construção e da reconstrução arquitetônica do templo humano.

Enquanto na primeira viagem, as ferramentas eram pesadas, nesta, servem ao desenvolvimento do trabalho intelectual. Inicialmente, trabalha-se a matéria, em seguida, geometriza-se. Com esses dois instrumentos, podemos construir quase todas as figuras geométricas, começando com a linha reta e o círculo e, praticando os valores intrínsecos destes símbolos, podemos projetar qualquer planta da Arquitetura Maçônica.

Assim, com estes dois instrumentos, o candidato a Companheiro aprende a uniformizar constantemente a sua conduta, sempre pautada pelo padrão mais nobre e mais elevado, dentro das possibilidades que são apresentadas no seu raio de ação. Vale dizer, a união do círculo com a reta, representa a harmonia e o equilíbrio que devemos aprender a ter, para que de entre as infinitas possibilidades do nosso ser e a realidade das condições finitas na qual nos encontramos, alcancemos a perfeita e progressiva manifestação do Ideal material.

A Terceira Viagem

Na terceira viagem, ao percorrer o mesmo caminho das viagens anteriores, está o Candidato passando para o terceiro ano de seus estudos e continua a trabalhar ainda com a Régua como que a nortear sua conduta, mas agora, sustenta em uma das mãos a Alavanca, símbolo da força.

Este novo instrumento representa a força ativa, com a qual poderemos levantar objetos mais pesados, a possibilidade de desenvolver nosso poder interior, no deslocamento da matéria inerte, presa na gravidade de nossos falsos instintos. A alavanca pode, ainda, ser entendida como a convicção de que a fé remove montanhas.

A alavanca tem uma função eminentemente ativa podendo mover e levantar objetos, os mais pesados possíveis, sempre em parceria de um terceiro, o ponto de apoio. Simbolicamente a alavanca representa o desenvolvimento da nossa inteligência

e da nossa compreensão, movendo os nossos instintos, para que ocupem o lugar que lhes está destinado na construção do nosso templo interno.

Podemos considerar a alavanca o símbolo da Inteligência humana, o emblema da força moral, cujo ponto de apoio deverá ser tão resistente quanto a própria alavanca, a fim de não comprometer o trabalho. Significa a direção, o transporte, e a colocação dos materiais usados e trabalhados, é o poder da vontade, potência do trabalho, e o poder multiplicador.

Dentre várias características da alavanca duas antagônicas chamam mais atenção, a sua resistência e flexibilidade. Portanto, assim deve ser um maçom, resistente e ao mesmo tempo flexível, tal como resistente aos vícios, e flexível na prática contínua da tolerância.

Em síntese nesta terceira viagem o Candidato a Companheiro nunca deve separar-se da régua com que entrou pela primeira vez na segunda Câmara, uma vez que esta simboliza a direção reta de suas condutas, e a nova ferramenta, a alavanca. O Companheiro maçom aplica-a nos seus esforços, por meio do qual realiza o que de outra maneira lhe seria impossível realizar, dado que a alavanca multiplica as suas forças em proporção direta com as suas necessidades.

A Quarta Viagem

Na quarta Viagem, o Candidato a Companheiro continua a segurar a régua com a sua mão esquerda, acompanhada desta vez pelo esquadro, símbolo da equidade, retidão, justiça e disciplina, que é a soma do nível com o prumo. O esquadro é a sexta e última ferramenta das suas viagens na afirmação do grau de Companheiro Maçom. Seria impossível formatar nossa Pedra Cúbica sem seu auxílio.

Significa dizer que, a Pedra Cúbica, ou seja, a individualidade desenvolvida em todas as suas faces, não serve ainda para o edifício social. O que se necessita, é a pedra em perfeito esquadro em suas seis faces. Devemos desenvolver e trabalhar a pedra de nossa personalidade com as seis faculdades espirituais, que estão representadas pelos seis instrumentos que leva o companheiro em suas viagens.

De tal maneira, a Pedra Cúbica representa o ser e sua alma e o Companheiro deverá ter a justa medida, a perseverança e a disciplina para geometrizá-la e poli-la a fim de que cada uma de suas faces resulte na perfeita representação de cada uma das faculdades espirituais.

De outro vértice, do uso coordenado da régua e do esquadro, resulta a união da linha vertical com a linha horizontal, sendo o símbolo da retidão e da ação do homem sobre si mesmo, representando a conduta maçônica, pois todos devemos enquadrar nossos atos sob a reta da virtude, que transmite a ideia de imparcialidade, precisão de caráter, o que simboliza a moralidade e o controle das ações.

Particularmente, o esquadro unido com a régua ensina ao Maçom, que o fim nunca justifica os meios, só se pode obter um resultado satisfatório, quando os que se empenham estejam em harmonia, com a finalidade em que unidos se propõem a alcançar.

Assim, por exemplo, é um erro crermos que podemos obter a paz por meio da guerra, dado que a guerra se apoia em pensamentos de ódio, inimizade e violência, enquanto, para alcançarmos a paz, necessitamos sobre tudo de amizade, simpatia, compreensão e cooperação.

A Quinta Viagem

Na quinta viagem, após conduzir nas viagens anteriores todos os instrumentos necessários ao desbastar da Pedra Bruta e a seu perfeito esquadrejamento, tornando-a pronta para o uso na construção do Templo, é chegado o momento do Aprendiz a deixar em definitivo o plano do Nível, da horizontalidade humana e partir rumo ao plano mais elevado, à verticalidade, ao Prumo, ou seja, após construir os alicerces do Templo, é chegada a hora de se levantar as paredes, de dar conformação ao edifício e prepará-lo para a ornamentação que virá a seu tempo.

Nesta viagem, empreende-se sem portar nenhum instrumento, pois como postulante a Companheiro, neste momento, já devem ter sido incorporadas suas qualidades. Tem-se apontada contra o peito a ponta de uma espada.

Ao rever o caminho percorrido, o Aprendiz Maçom tem essa espada apontada sobre seu peito, para lembra-lo na Iniciação Maçônica. Ela o induz a reflexão, à contemplação própria deste grau. Lembra, igualmente, a sabedoria, sempre precedida pela dor. Também, alerta para não se abandonarem as regras anteriores.

A espada não deve ser entendida como uma ameaça, mas como uma indicação de que o novo companheiro, deve agora, encontrar o que está perdido, o instrumento que o ajudará na obra da construção individual. Seu próprio coração, no fundo do ser, fará receptivo ao real sentido da espada sobre o peito, que outro não será, senão o Guia que conduz o iniciado à divina liberdade, transformando-o num ser mais sábio e inteligente.

Este ritual nos atenta para a pureza interna que deveremos alcançar e para que possamos assim atingir as regiões mais altas de nossa espiritualidade. Esta Espada representa o Anjo da Espada Flamejante que guarda o "Portal do Éden", região situada no meio da espinha dorsal. Ela impede que os pensamentos impuros do mundo inferior alcancem e poluam as regiões cristalinas do nosso mundo espiritual. A expulsão do paraíso se deu exatamente por ter o humano usado o intelecto para acumular desejos criando assim o seu inferno. O escopo desta quinta viagem, como dito, é fazer com que o homem refaça este caminho em sentido inverso e reencontre-se com seu paraíso, ou seja, seu plano espiritual.

Outros Simbolismos

O Número três é a base do Grau de Aprendiz, o Cinco é a de Companheiro.

As três primeiras viagens terminam perto do 2º Vigilante, símbolo do Anjo Guardião, que está dentro do homem, mas a quarta e a quinta viagens conduzem o

Condidato ao 1º Vigilante ou Anjo da Espada. Este lhe pede, primeiro o toque e, em seguida, a palavra de Aprendiz.

Isto significa que, antes de poder escalar novamente o Éden, donde caiu, deve ter trabalhado com fervor, sempre viajando com sofrimentos e praticando com proveito, durante os três anos, a fim de que possa ser digno da elevação.

A Marcha do Grau consiste em que, depois de dar os três passos de Aprendiz, acrescenta outros dois, diferentes dos anteriores. Cinco passos recordam cinco viagens, cinco golpes, cinco pancadas de bateria, assim como o sinal de reconhecimento. Os três primeiros passos do Aprendiz simbolizam as três primeiras viagens ou esforços para a superação. O quarto passo se desvia para a região do sul, enquanto o quinto volta em linha reta sobre seus primeiros esforços.

O Sinal, pondo a mão direito sobre o coração, órgão da vida e altar de Deus, significa: “prometo, como Deus Homem ou filho de Deus, e reafirmo minha promessa em cooperar na obra do G. A. D. U.”; a mão esquerda levantada em forma de estrela e cinco pontas, que é o símbolo do homem triunfante em suas provas.

CONCLUSÃO

Vencida a última viagem, após adquirir todo o conhecimento durante as cinco viagens, através do aprendizado do trabalho árduo, perseverança e inteligência, o novo companheiro encontra-se apto a utilizar as ferramentas de construção que lhe foram colocadas à disposição para lapidar a pedra bruta material, trazendo para dentro do seu templo interno, o aprendizado, de que sua evolução depende muito de sua dedicação, na busca constante pela evolução tanto no plano material, quanto no plano espiritual.

As Viagens clareiam a necessidade de se trabalhar, em conjunto, com a força e o intelecto, utilizando os instrumentos para transpor as dificuldades enfrentadas pelos caminhos a serem trilhados, de maneira que a dedicação ao aprendizado diário, com paciência e determinação deve ser uma constante.

Assim, ao lapidar as ações, os desejos, as inquietudes impostas pelos desígnios da vida, a construção desse novo ser, nessa nova etapa dentro da senda maçônica, voltado a uma constante e interminável evolução, é a chave para se tentar alcançar a melhor parte que habita dentro de cada um de nós.

“Deem-me um ponto de apoio e uma alavanca que removerei a terra” Arquimedes.

Referências

http://camaradecompanheiro.blogspot.com/2008/11/as-cinco-viagens.html

http://iblanchier3.blogspot.com/2018/10/as-cinco-viagens-do-cm.html

https://lojamad.com.br/index.php/trabsii/item/232-as-ferramentas-de-companheiro-e-as-cinco-viagens

https://focoartereal.blogspot.com/2014/02/as-viagens-do-companheiro-macom.html

https://oliveirapereira.wordpress.com/textos-arte-real-para-reflexao/a-camara-de-companheiros/as-cinco-viagens/

ADOUM Jorge, Grau do Companheiro e seus Mistérios. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.